



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

22 de novembro de 2025

O BARÃO AVENTUREIRO

Baron Prasil

de Karel Zeman, Checoslováquia (Chéquia), 1962

Realização e Direção de arte: Karel Zeman **Argumento:** Jirí Brdecka, Gottfried August Bürger, Josef Kainar
Produção: Jirí Kutil, Josef Ouzký **Música:** Zdenek Liska **Direção de fotografia:** Jirí Tarantík **Interpretação:**
Milos Kopecký (Barão Munchausen), Rudolf Jelínek (Tonik), Jana Brejchová (Princess Bianca), Karel Höge
(Cyrano) **Montagem:** Vera Kutilova **Cópia:** digital, legendada em português **Legendagem:** Joana Cabral
Duração: 83 min **Estreia mundial:** Suíça, julho de 1962 **Estreia em Portugal:** 3 de Outubro de 1974

Nova banda sonora e interpretação ao vivo por Philippe Lenzini

Assistência técnica de Olivier Blanc



"Alguns anos antes da minha barba anunciar a aproximação da idade adulta - ou, por outras palavras, quando eu não era nem homem nem rapazinho, mas entre os dois -, expressei em repetidas conversas um forte desejo de ver o mundo, do qual fui desencorajado pelos meus pais, embora o meu pai não tivesse sido um viajante desprezível, como ficará claro antes de eu chegar ao fim das minhas singulares e, devo acrescentar, interessantes aventuras."

Assim começam as extraordinárias aventuras do Barão de Munchhausen (1720-1797) no livro com o mesmo nome, uma série de relatos fantásticos, oscilando entre a verdade e a fantasia, que o lendário Barão, ex militar nas campanhas russas contra os otomanos, gostava de contar nas tabernas e em serões ociosos à família e amigos, e que um bibliotecário bem-avisado, Rudolph Erich Raspe (1736-1794), decidiu compilar e editar em papel. Entre as façanhas de extrema coragem e engenho (e diga-se, muita invenção) que o Barão protagonizava nas suas histórias, incluem-se a vitória sobre ursos, lobos e crocodilos, uma subida à Lua por um feijoeiro acima, encontros com animais marinhos de dimensões extraordinárias, um voo nas costas de uma

água e, imagine-se, uma travessia da Inglaterra para os Países Baixos num cavalo-marinho. Pelo meio, o Barão escapou a batalhas e capturas e usou os dons da diplomacia para refrear os mais diversos conflitos.

Traduzido mais tarde em várias línguas, o livro tornou-se leitura favorita de gerações de crianças e jovens e inspiração para vários filmes. Um desses filmes é justamente **O BARÃO AVENTUREIRO**, do realizador **Karel Zeman** (1910-1989), uma obra-prima do cinema de animação. Tudo começa, desde logo, na apropriação que o realizador checo faz do Barão, transpondo-o para novas e interplanetárias aventuras, cruzando-o com outros personagens (verdadeiros ou ficcionais) como o escritor Cyrano de Bergerac (1619-1655) e os heróis da exploração lunar de Júlio Verne (*Da Terra à Lua*, 1865). Depois, há todo o universo visual em que a história se desenrola. Um universo assombroso e imaginativo, que **Zeman** criou com um talento muito singular.

Este talento tem naturalmente um contexto de gestação. Com uma forte tradição no teatro de marionetas, a antiga Checoslováquia tornou-se ao longo do século XX uma referência no cinema de animação com recurso a bonecos animados. Mesmo no processo de “nacionalização” do cinema levado a cabo pelo estado socialista checo do pós-guerra, a animação com bonecos gozou de um certo estatuto de privilégio por ser vista como um valor cultural, e os estúdios foram dotados de um forte apoio, permitindo a realizadores como Hermína Týrlová (1900-1993), Jirí Trnka (1912-1969) e o próprio **Karel Zeman** trabalharem com autonomia e dedicação. A relação mais relaxada com a censura, desde que os filmes estivessem expurgados de suspeitas ideológicas, permitiu-lhes explorar novas linguagens estéticas e nesse aspeto, **Zeman** foi um experimentador inquieto e prolixo. Para o filme **O BARÃO AVENTUREIRO**, usou todo o leque de possibilidades do universo da animação. Inspirado nas gravuras do ilustrador Paul Gustave Doré (1831-1883) para a edição francesa das *Aventuras do Barão de Munchhausen*, **Zeman** desenhou cenários impregnados duma estética visual oitocentista (muito ao estilo dos telões de teatro e ópera), onde as marionetas e figuras animadas em *stopmotion* contracenam com atores reais, cavalos, objetos tridimensionais e silhuetas recortadas. A conjugação da diversidade de materiais e escalas é executada com uma espantosa mestria, criando sequências com uma forte componente ilusória, mas também uma impressionante beleza visual. A tudo isto soma-se a escolha de uma paleta de cores fortes e contrastantes, jogos de sobreposição entre o preto e a cor e uma exploração livre e humorística do movimento das figuras e dos personagens que impregnam o filme de uma irreverência quase pop, inspirando anos à frente, outros artistas como Terry Gilliam (o grande animador da série MONTY PYTHON, 1969-1974), mas também realizadores como Tim Burton e Wes Anderson.

Sobre o trabalho musical de **Phillipe Lenzini** para esta sessão: “Em 2024 fui convidado pelo Film Fest Setúbal para compor e interpretar ao vivo uma banda sonora para o filme **BARON PRASIL (O BARÃO AVENTUREIRO)**, uma obra-prima do realizador checoslovaco Karel Zeman. [...]. O filme é incrível, visualmente deslumbrante, muito engraçado, mas também muito poético e meditativo. A proposta do Film Fest foi trabalhar a partir de uma versão do filme sem a sonoplastia nem a música original. Assim, o meu trabalho foi recriar a sonoplastia e compor uma nova banda sonora musical. A descoberta deste magnífico filme e o prazer que tive em compor e interpretar a música fizeram-me querer reproduzir esta experiência. Contactei os detentores dos direitos do filme e obtive o direito de apresentar o filme em público, interpretando a minha banda-sonora original ao vivo em sessões de Cine-Concerto, por um período de dois anos.”

Philippe Lenzini é um guitarrista e compositor francês sediado em Lisboa, trabalhando em projetos para dança, teatro e cinema. Compôs a música para vários filmes de animação de João Fazenda, um dos quais ganhou o prémio de melhor música original no Festival Caminhos do Cinema Português. Faz parte da equipa do SPAM CARTOON, um programa satírico transmitido semanalmente na RTP3, com os ilustradores André Carrilho, Cristina Sampaio e Tiago Albuquerque. É fundador do grupo Jacarandá, membro do coletivo de improvisação Orchestra Elastique, e autor de várias bandas sonoras ao vivo, entre as quais MISTÉRIOS NEGROS, de Pedro Lino, KING KONG (Merian C. Cooper, 1933), NOSFERATU (F. W. Murnau) e AGUIRRE, THE WRATH OF GOD (Werner Herzog).